

# Bióloga traça perfil clínico de portador de Doença de Chagas

Pesquisa demonstra que maioria dos pacientes é hipertensa e usa vários medicamentos

RAQUEL DO CARMO SANTOS  
kel@unicamp.br

Pesquisa de mestrado apresentada na Faculdade de Ciências Médicas (FCM) revelou que os pacientes idosos atendidos pelo Grupo de Estudos em Doença de Chagas do Hospital de Clínicas da Unicamp estão, em sua maioria, na faixa etária entre 60 e 69 anos, são hipertensos e fazem uso de vários medicamentos para tratamentos de outras doenças. O estudo mostrou ainda que a forma cardíaca da doença é a mais prevalente entre os pacientes. “O perfil dos pacientes precisa ser conhecido para melhor entender como se desenvolve a doença e suas comorbidades e, assim, oferecer um serviço de qualidade para o doente. É o tipo de pesquisa que deve ser feito com frequência”, justifica a bióloga Mariane Barroso Pereira, cujo estudo foi orientado pelo professor Eros Antonio de Almeida.

Ademais, continua Mariane, idosos portadores de doenças crônicas necessitam de um maior cuidado, pois existe a possibilidade de ocorrência de outros problemas advindos com o avançar da idade. A bióloga lembra que a enfermidade, descoberta em 1909, já teve a via vetorial como sua principal forma de transmissão. Com o controle por parte das autoridades, a incidência de novos casos diminuiu, propiciando uma mudança nas características da população infectada. Atualmente, a população chagásica no Brasil é constituída, so-

bretudo, por portadores da forma crônica da doença. “Estes indivíduos estão envelhecendo e necessitam de acompanhamento clínico adequado, ou seja, trata-se de mais um motivo para se conhecer o perfil”, esclarece.

Para saber o histórico dos frequentadores do Grupo, a bióloga fez entrevistas com 85 pacientes e colheu depoimentos durante as consultas. Grande parte não se recordava de quando ou como teria sido picado pelo barbeiro ou triatomíneo, inseto transmissor do parasita, mas muitos possuíam antecedentes na família. Em geral, um parente de primeiro grau também tinha a doença, sendo que os entrevistados eram migrantes das regiões endêmicas do inseto. A prevalência da polifarmácia, segundo Mariane, foi alta. Em 34% dos idosos foi observado o uso de vários medicamentos. Em muitos casos, o paciente tomava cinco ou mais remédios para tratamento de outras doenças.

Uma segunda etapa da pesquisa consistiu em exames moleculares realizados no Laboratório de Diagnóstico de Doenças Infecciosas por Técnicas de Biologia Molecular, sob a responsabilidade da professora Sandra Costa. O teste conseguiu detectar a existência do parasita em apenas 36% dos pacientes. A baixa positividade no teste pode revelar que há uma pequena quantidade de parasitas da doença na maioria dos voluntários. “Trata-se de um bom resultado, porém necessita de um aprofundamento”, explica a autora do



A bióloga Mariane Barroso Pereira, autora do estudo: entrevistas com 85 pacientes

estudo. Este resultado só foi possível graças ao uso da biologia molecular para identificar a presença do DNA do *Trypanosoma cruzi*.

Os portadores há muito tempo se encontram na fase crônica da doença e conviviam com o mal há, pelo menos, cinquenta anos. Para os testes, foram colhidas amostras de sangue e, segundo Mariane, realizar o exame molecular nas amostras foi o grande diferencial da sua pesquisa. A técnica aplicada nesse perfil de portadores da Doença de Chagas é inédita. “A amostra de sangue foi submetida a uma extração de DNA e amplificação gênica da região nuclear do parasita. É um exame demorado e as técnicas são muito sensíveis.”, define. Ela esclarece

ainda, que este tipo de exame pode ser utilizado em conjunto com outros testes para auxiliar na detecção da doença.

## Publicações

**Dissertação:** “Perfil clínico, laboratorial e epidemiológico de pacientes chagásicos idosos seguidos em um serviço de referência”-

**Autora:** Mariane Barroso Pereira

**Orientador:** Eros Antonio de Almeida  
**Unidade:** Faculdade de Ciências Médicas (FCM)

**Financiamento:** Faepex



## Luci: 35 anos dedicados à Unicamp

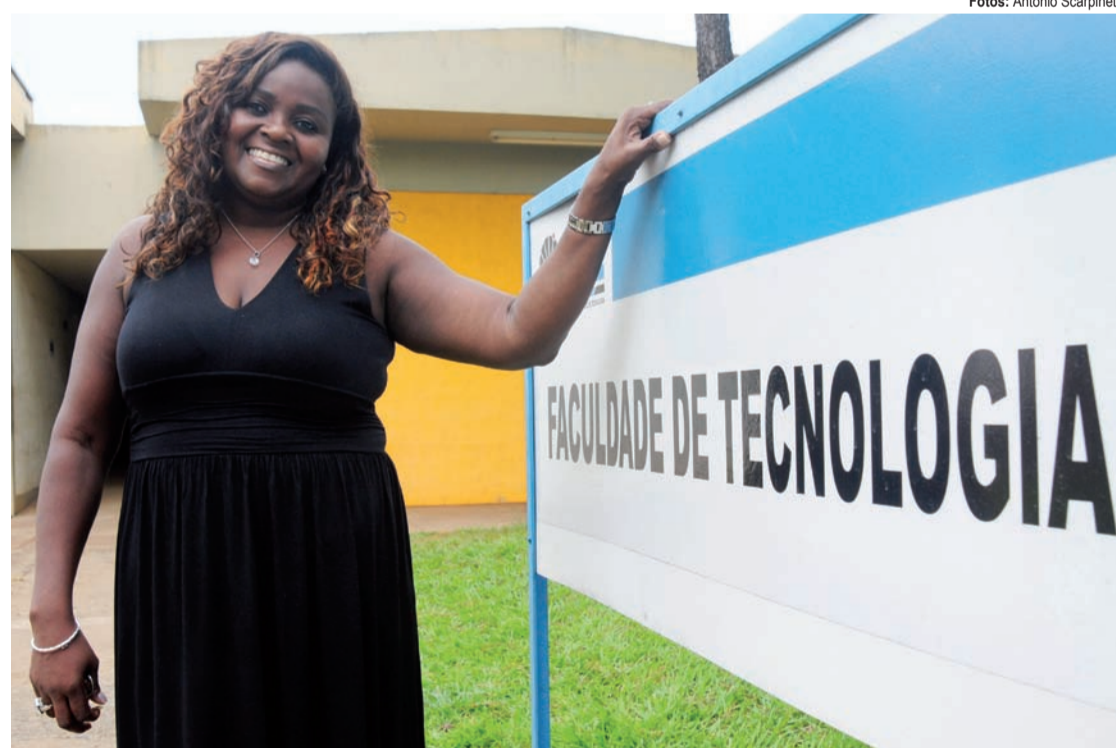
Secretária da Coordenadoria de Graduação da FT começou sua carreira em gráfica da antiga FEL

MARIA ALICE DA CRUZ  
halice@unicamp.br

Luci Mary do Nascimento entende bem da arte de borrar esmaltes, ainda que seja nas mãos vaidosas de uma adolescente de 17 anos. Recordar-se bem de estênceis e mimeógrafos, aqueles usados tanto nos anti-gos desenhos do jardim da infância quanto nas avaliações mensais ou bimestrais. Lembra disso porque no final da década de 1970, na gráfica da antiga Faculdade de Engenharia de Limeira (FEL) e dos Cursos de Tecnologia, emprestou suas mãos para a formação de muitos engenheiros e tecnólogos. Alguns deles hoje atuam na Faculdade de Engenharia Civil (antiga FEL) e outros na Faculdade de Tecnologia (FT) da Unicamp, como o diretor da FT, José Geraldo, e o professor Fernando Mantelli. Aos 17 anos, conheceu a habilidade e a confiabilidade necessárias a um funcionário de uma gráfica universitária. Tudo passava por suas mãos, a ponto de fazer-lhe decorar nomes de apostilas, códigos de disciplinas e os docentes que as ministravam. Nada fugia de seus dedos, nem mesmo o cuidado com a formação dos filhos de pessoas as quais sequer conhecia.

Luci também conheceu a força do trabalho aos 17 anos. “Tinha de operar um maquinário muito diferente dos atuais, pois não eram informatizados.” Achava um pouco pesado para sua idade, mas não abriria mão de qualquer oportunidade de trabalho. E seria ali, no primeiro campus de Limeira, onde quase toda a família fez história: a mãe, a irmã e a filha. Apesar dos desafios da vida e da história que segue em movimentos circulares, todos ajudaram a imprimir o livro de mais de 40 anos da Unicamp. Por exemplo, a mãe trabalhou e aposentou-se no Colégio Técnico (Cotil), e a irmã, Marli Nascimento, é assistente social no Hospital das Clínicas da Unicamp.

Hoje, como secretária da Coordenadoria de Graduação da FT, Luci confessa que a grande realização para ela foi ver a filha Daniella Nascimento receber os cuidados da Unicamp assim como os alunos que pu-



A secretária Luci Mary do Nascimento, lotada hoje na FT: reconhecimento dos pares, dos alunos e dos docentes

deram contar com sua atenção. A jovem de 26 anos acaba de graduar-se pela Faculdade de Engenharia Agrícola [Feagri], no campus de Barão Geraldo. “Quando Daniella passou no Cotil [onde também foi aluna] e no vestibular, parecia que estava vivendo aquele momento. A emoção que senti ao ver minha filha tendo a mesma oportunidade dos alunos que ajudei a cuidar é indescritível. Tenho orgulho de minha filha”, alegra-se.

Para Luci, hoje aos 52 anos de idade e 35 de serviços prestados à Unicamp, é como se a vida lhe recompensasse por ter sido a menina que operava a maquinaria da gráfica para que futuros engenheiros e tecnólogos fossem alavancar o desenvolvimento de seu país. Lembra até hoje da homenagem recebida na colação de grau da turma do Jorge Rossi, hoje professor do Cotil e dos convites sempre aceitos para as festas nas repúblicas. Mais que usuários de seus serviços gráficos, alguns alunos tornaram-se amigos para o resto da vida.

Em alguns minutos de conversa, mostra o quanto acompanhou a história da Unicamp em Limeira, desde a adolescência, quando algumas vezes visitou o espaço com a mãe. Quando Daniella nasceu, a Universidade já havia criado as creches e Daniella passou a ser também frequentadora assídua do campus até a faculdade mudar para Barão Geraldo. A notícia, dada em cima da hora, surpreendeu os funcionários, que passaram a ter de viajar para Campinas todos os dias. Como Daniella tinha apenas 4 anos, Luci voltou para Limeira como funcionária da Gráfica da Planta Física de Limeira. “Era inviável e sacrificado viajar e deixar minha filha na creche em Limeira”, relembra.

De Barão Geraldo, ficaram as recordações de alguns amigos e também das festas de final de ano promovidas pela Reitoria da Universidade. “Lembro-me que a Unicamp fretava ônibus para as famílias poderem participar das festas, que, aliás, eram

muito bem-organizadas. Sinto falta desses momentos, porque minha mãe podia levar a família toda”.

Da gráfica, migrou para a área administrativa do restaurante de Limeira, até que em 1998 recebeu convite de Gilberto de Almeida para secretariá-lo na Assistência Técnica do antigo Ceset. “Aceitei prontamente. Esta foi uma das melhores fases de minha vida na Unicamp. Eu e Gilberto trabalhávamos com muita sincronia, porque ele não era apenas o meu superior, mas um grande amigo. Muito do que aprendi no Ceset devo primeiramente a Deus e ao Gilberto, que me ensinou a elaborar todo tipo de documento e o trabalho em equipe.”

De 2003 a 2007, Luci atendeu duas secretarias ao mesmo tempo. “Trabalhava na Diretoria, como secretária de assistente técnico de unidade (ATU), e à noite, na Coordenadoria de Graduação.” Permaneceu atendendo as duas secretarias até 2007.

Se ela iniciou a carreira “cuidando” de alunos, tudo indica que irá aposentar oferecendo seus préstimos, porém, não mais entre as tintas azuis e as resmas de papel sulfite, mas na Secretaria de Graduação da FT, onde atua desde 2003. Lá, é reconhecida por alunos como Túlio Chagas, por auxiliar os coordenadores em assuntos de graduação: “Indicam a Luci para nos auxiliar em tudo o que queremos saber. Ela conhece a faculdade como ninguém”, declara Chagas. Assim é possível entender os comentários elogiosos do coordenador associado de Graduação, André Leon. “O trabalho da Luci é muito importante. Ela entende de tudo o que se passa na graduação.”

Apesar de reconhecer que cumpriu sua missão na Unicamp “com amor e carinho”, como faz questão de enfatizar, Luci pensa na aposentadoria como uma consequência da vida e espera poder usufruí-la na terra ou no ar, viajando. A volta para a Faculdade de Direito também está em seus planos, mas antes disso, quer se sentir à vontade para o descanso e o lazer. “Combati o combate, acabei a carreira”, encerra, com uma passagem bíblica.